

## ***Ficar, tornar-se e virar em construções relacionais: variação e/ou mudança construcional?***

*Bruna Gois Pavão Ferreira*

*Marcia dos Santos Machado Vieira*

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

### **Abstract:**

Based on constructionist approach of Goldberg (1995, 2003, 2013) and Traugott & Trousdale (2013), this research focuses on the relational construction of state change and the variation/alternation between the verbs *ficar*, *tornar-se* e *virar* (*stay*, *become* and *turn*) in this type of construction in Brazilian Portuguese. The verbal forms that alternate are investigated in the same context (predicative construction of a change of state) and motivations for the variation to occur. The main objective of this research is to identify: (i) constructional verbal patterns of change of state in Brazilian Portuguese based on frequency and in the relations of form and/or meaning by family similarities existing in the instances of use of such verbal forms; (ii) the configuration of the relational construction of state change (in view of state construction formulated in Goldberg, 1995); (iii) the functional differences between the microconstructions with *ficar*, *tornar-se* e *virar*, seeking to analyze how the variation/alternation between such verbs occurs in the construction of change of state. The data were collected in academic articles, journalistic texts and texts accessed in some sites of evaluation or complaint and analyzed according to some parameters, among which: (a) the type of subject and of predicative syntagma; (b) the more permanent/more transient aspect of the construction; (c) the degree of formality of the context in which it was recorded. This paper also evidences the central place of variation in Construction Grammar.

**Keywords:** construction grammar, relational construction, state change, variation

**Palavras-chave:** gramática de construções, construção relacional, mudança de estado, variação

### **1. Introdução**

Este artigo tem por objetivo identificar e descrever as relações, similaridades e diferenças existentes entre pareamentos licenciados na construção relacional de mudança de estado com os verbos *ficar*, *tornar-se* e *virar*. Alguns trabalhos têm sido desenvolvidos sobre o assunto, mas, ainda assim, há muito que descrever e analisar quanto a esse tipo de construção do Português Brasileiro (PB), principalmente sob a perspectiva construcionista. Com base em uma abordagem funcional-cognitiva centrada no uso, que concebe a língua como instrumento de comunicação e interação social submetido ao uso, este artigo propõe-se a analisar e descrever a alternância/variação que resulta de alinhamento funcional de microconstruções com os verbos supracitados quando estes são compatibilizados à construção relacional de mudança de estado.

Para tanto, é importante retomar estudos que focalizam este tipo de construção. Na tradição gramatical (Bechara, 2010; Cunha & Cintra, 2008; Rocha Lima, 2010), verifica-se a definição de verbo de ligação como elo entre sujeito e predicativo, além da apresentação de uma lista com os verbos prototípicos (*ser*, *estar*, *permanecer*, *ficar*, *tornar-se*) e seus respectivos estados (*permanente*, *transitório* etc.). Raposo (2013: 1304), por sua vez, chama os verbos relacionais de verbos copulativos, classificando-os semanticamente em dois grupos: aqueles que são usados para atribuir uma propriedade ao sujeito ou descrever seu estado, e aqueles que descrevem uma mudança de estado do sujeito. Assim, identifica os verbos que se encaixam em cada



grupo. O autor também faz uma distinção entre predicados estáveis e predicados episódicos, que diz respeito às propriedades mais permanentes e às mais transitórias de um indivíduo na configuração da predicação nominal. Ele afirma que “embora os verbos de cópula não contribuam semanticamente para o conteúdo propriamente proposicional do predicado, veiculam valores importantes na área do aspecto e, de modo mais restringido, da modalidade” (Raposo, 2013: cap.11, nota 75, p. 357), além de marcarem as noções morfológicas obrigatórias de tempo, aspecto e modo e de concordância em pessoa e número com o sujeito da oração. Além disso, ele faz uma crítica às gramáticas do Português, que não estabelecem critérios específicos para caracterizar os verbos relacionais, apresentando-os como uma classe fechada, sem levar em consideração que há verbos plenos (predicadores) que assumem, em certas construções, propriedades que os aproximam dos verbos relacionais.

Em relação a trabalhos científicos, Sant’Anna (2012) faz uma distinção entre dois tipos de mudança de estado no português e no espanhol: a mudança de propriedade e a mudança de estado. Segundo a autora, “as construções de mudança de propriedade e de estado diferem porque os estados se desenvolvem em um período transitório, enquanto as propriedades demonstram uma alteração da essência do ser, diferenciando-o dos outros seres da sua mesma espécie devido a essa característica” (Sant’Anna, 2012: 27/28). Para explicitar essa diferença, ela cita os verbos *virar* e *tornar-se* para denotar a ideia de mudança de propriedade. A autora também cita *ficar* + sintagma adjetival (incluindo o adjetivo de base participial) como a construção predicativa típica do PB contemporâneo.

Correa (2006) também fala sobre construções de mudança de estado e aspecto em português e espanhol. Segundo ele, a mudança de estado está associada ao aspecto resultativo no PB, em espanhol o mesmo fenômeno está associado a aspecto incoativo, o que demonstra concepções semânticas diferentes do mesmo fenômeno. No PB, a mudança de estado está associada à ideia do sujeito chegar a alcançar um novo estado (neste caso, psicológico), diferente do inicial, em que se encontrava.

Bybee e Eddington (2006) também analisam verbos do espanhol (*ponerse, volverse, quedarse, hacerse* – com sentido de *tornar-se*) que expressam uma mudança de estado quando usados com adjetivos e sujeito animado. O objetivo dessa análise é identificar como o falante nativo escolhe um dos verbos supracitados em uma situação particular. Para tanto, os autores levam em consideração a teoria de exemplares baseada no uso, que defende que a escolha do falante por um verbo mais um complemento é motivada parcialmente por sua experiência acumulada do uso dessas construções. Dois fatores importantes, segundo os autores, são a similaridade entre os adjetivos e a frequência do verbo. Além disso, eles reforçam a ideia de que a gramática e o léxico se entrelaçam, uma vez que construções específicas envolvendo mais de uma palavra também são armazenadas na memória. O estudo também demonstrou que a gramática pode ser vista como um mapa cognitivo de experiências linguísticas, com julgamentos de aceitabilidade baseados na familiaridade, produtividade ou criatividade linguística.

Objetiva-se, assim, contribuir para a descrição do PB ao analisar a construção relacional de mudança de estado a que se compatibilizam três verbos diferentes (*ficar, tornar-se* e *virar*), mostrando que ela pode exprimir algumas nuances de sentido, com diferenças aspectuais e de registro, que serão analisadas aqui. Outros verbos também podem compatibilizar-se nesse tipo de construção, mas focalizam-se esses três devido à análise da variação/alternância.

A tese central com base na qual se desenvolve esta pesquisa de usos e percepções é a de que a construção relacional de mudança de estado, em foco nesta pesquisa, é um dos padrões construcionais licenciados pela construção de estrutura argumental de estado<sup>1</sup> (esta descrita já em Goldberg, 1995) na língua portuguesa, (i) o qual contém um *slot* de preenchimento verbal variável, *slot* em que mais frequentemente se compatibilizam *ficar, tornar-se* e *virar*, e (ii) para o qual, nessa compatibilização, esses verbos colaboram, por

---

<sup>1</sup> Conforme Ferreira (2015), há quatro tipos de construção relacional: de estado, de mudança de estado, habitual e resultativa.



um lado, com nuances diferentes de funcionalidade (semântica, discursiva, pragmática, cognitiva e social) e, por outro, implicam padrões construcionais com potencial de se relacionarem por analogia.

Os problemas centrais são estes: (i) tendo em vista que a gramática do Português é uma rede construcional, como, de fato, se configuram, construcionalmente, predicções de mudança de estado no Português?; (ii) que implicações (morfossintáticas, semânticas, discursivas, pragmáticas, sociais e cognitivas) acarretam os usos verbais que se podem compatibilizar no *slot* verbal das construções de estado e/ou as microconstruções por eles constituídas?; (iii) em que medida tal *slot* promove variação verbal e com que consequência(s) em termos do conjunto de microconstruções/micropareamentos forma-função para a expressão de mudança de estado na gramática construcional do Português?

Tais problemas desdobram-se, por sua vez, em questões, entre as quais aqui se ressaltam algumas das já cogitadas em dois campos para os quais esta pesquisa poderá colaborar:

1) descrição gramatical – (i) por que as gramáticas costumam chamar o *slot* verbal da construção de mudança de estado simplesmente de verbo de ligação?; (ii) o que se conceptualiza com esse tipo de referência a um dos *slots* implicados numa predicção nominal é o que é mais evidente gramaticalmente nas predicções de mudança de estado examinadas no *corpus*?

2) enfoque teórico-metodológico – (i) como se pode lidar com o fenômeno da variação no âmbito da Gramática de Construções mediante o mecanismo da analogia?; (ii) como se configura a rede de microconstruções licenciadas pela construção de mudança de estado (uma mesoconstrução, por sua vez, da construção de estado)?

A abordagem escolhida para nortear esta pesquisa é a Gramática de Construções Baseada no Uso (Bybee, 2010, 2013; Croft, 2001; Goldberg, 1995, 2013; Traugott & Trousdale, 2013; dentre outros), que considera a construção gramatical (pareamento de forma e significado) como unidade básica da língua, levando em consideração o uso, e apresenta um modelo de gramática como rede de construções interconectadas (macroconstruções, mesoconstruções, microconstruções). Pretende-se, neste artigo: (i) identificar os padrões de uso com base na frequência e nas relações de forma e/ou significado por semelhanças de família existentes entre tais construções; (ii) desenvolver (além do que foi feito em Ferreira, 2015) a configuração morfossintática e funcional da construção relacional de mudança de estado explorando suas diversas instâncias de uso; (iii) investigar as diferenças semântico-pragmáticas e discursivas entre as construções com *ficar*, *tornar-se* e *virar*, buscando-se analisar como se dá a variação/alternância entre tais verbos nesse tipo de construção e suas implicações em termos de conhecimento gramatical.<sup>2</sup>

Para exemplificar o objeto de estudo deste artigo, listam-se alguns dados dos *corpora* analisados nesta pesquisa:

- (1) “Crianças muito novas cuidam de seus irmãos menores sem que as mães **fiquem** preocupadas, vigiando.”
- (2) “Sou Carioca, tenho 35 anos e pela primeira vez, fui conhecer o Pão de Açúcar e o Corcovado. **Fiquei** deslumbrada com tamanha beleza que é meu Rio de Janeiro, aquele que eu conhecia, apenas por ouvir falar ou assistir na tv.”
- (3) “Em algumas situações, a escola **se torna** também espaço para a afirmação da tradição e identidades, com a valorização de aspectos históricos, linguísticos e culturais.”

---

<sup>2</sup> Em Ferreira (2015), a análise centrou-se mais em questões relativas à caracterização morfossintática e semântica da construção com verbos relacionais e à descrição funcional das predicções em que eles ocorrem. Agora, pretende-se realizar uma investigação mais bem caracterizada do ponto de vista pragmático, da contextualidade, da exploração dos enunciados e dos textos em que se registram ocorrências de predicções de mudança de estado.



(4) “Realizar o sonho de conhecer o Rio demorou alguns anos, mas quando o sonho **se tornou** realidade, cai de paixão por esta cidade, já voltei 3 vezes e nesta semana volto pela 4ª vez.”

(5) Quando começou a cogitar a publicação de seus versos, Marcia confidenciou a Bruna Beber que mantinha poemas trancafiados numa gaveta há décadas. Pediu que ela os lesse e desse sua opinião sincera. “Marcia já sabia o que estava fazendo, só queria uma ajuda para tirar gorduras, e eu imediatamente **virei** sua leitora. Fiquei muito entusiasmada com a vontade dela de estreiar na poesia aos 84 anos”, diz Beber.

(6) “Sou capricorniana, determinação é a palavra-chave! **Virei** musa por conta do meu foco, persistência e resistência.”

A partir desses exemplos, observa-se que o sentido básico dos verbos compatibilizados às construções é o de mudança de estado, porém, com algumas diferenças quanto à forma, nuances de significado, aspecto e grau de formalidade, que serão discutidos ao longo do texto.

Neste artigo, consideram-se as construções com os verbos *ficar*, *tornar-se* e *virar* funcionando como relacionais, com predicativo sob a forma de SN ou SAdj. (incluindo os adjetivos de base participial), com sujeito expresso ou implícito, animado ou não animado. Excluem-se, portanto, as construções impessoais, as construções com predicativos sob a forma de SPrep. e SAdv. e as construções em que os verbos em estudo sejam predicadores ou integrantes de locuções verbais.

Para reiterar a motivação desta pesquisa, cita-se Hilpert (2014):

Given that alternative ways of saying things are usually not random but governed by linguistic and social determinants, it makes sense to investigate the conditions under which speakers choose either one or the other of two constructions (Hilpert, 2014: 187).

## 2. Referencial teórico

A abordagem construcionista, que norteia esta pesquisa, partilha concepções teóricas com a Linguística Funcional, como a ideia de que a gramática emerge do uso e é moldada por ele, e com a Linguística Cognitiva, uma vez que leva em conta processos cognitivos gerais para explicar questões linguísticas.

### 2.1. Gramática de Construções Baseada no Uso

A Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU) adota a noção de construção como um primitivo para a análise linguística (Croft, 2001), ou seja, a construção gramatical é considerada a unidade básica da língua, uma vez que consiste em um pareamento convencionalizado de forma e sentido cujo significado é não composicional, constituindo uma unidade simbólica convencional, uma vez que é compartilhada por um grupo de falantes. As premissas básicas para tal abordagem baseada no uso são: (i) o conhecimento linguístico é uniforme, pois considera que não há separação entre léxico e gramática, mas uma rede de construções, partindo de elementos mais específicos (instanciações) até padrões mais abstratos (esquemas); (ii) a compreensão da linguagem requer que se compreendam processos cognitivos gerais, ou seja, processos não específicos apenas à linguagem (como analogia, categorização etc.); (iii) a compreensão do conhecimento linguístico demanda a investigação do uso, uma vez que a experiência de uso afeta a representação cognitiva subjacente. Dessa forma, o conhecimento linguístico é maleável por ser afetado pelo uso durante toda a vida do falante.



A abordagem construcionista surge no âmbito da Linguística Cognitiva, portanto, reconhece a importância da cognição geral para a compreensão da gramática, além de considerar o conhecimento linguístico como uma rede de construções, ou seja, como um conjunto de elementos interconectados. Desse modo, há vários níveis de esquematicidade nas construções, que variam desde expressões idiomáticas (construções totalmente preenchidas lexicalmente) a expressões mais abstratas (construções que apresentam *slots*). A construção é vista em níveis esquemáticos, do mais abstrato ao uso concreto da língua ou ao contrário. Dessa forma, a construção pode estar em um nível mais abstrato, com mais *slots*, denominado “esquema” ou “macroconstrução”; em um nível intermediário que, por si só abarca outros níveis, denominado “subesquema” ou “mesoconstrução”; em um nível mais preenchido, mas ainda no âmbito da abstração, conhecido como “microconstrução”; até chegar ao nível da instanciação, denominado “construto”, que corresponde ao uso concreto da língua, a ocorrência, o que é produzido e processado pelo falante/ouvinte. A gramática, nesta perspectiva, é vista como uma rede de construções interconectadas que compartilham diferenças e similaridades de acordo com relações de herança. Segundo Goldberg (1995), por constituir uma rede, a gramática de uma língua apresenta relações de herança, como (i) a herança por polissemia, que capta as relações semânticas entre uma construção e suas extensões de sentido; (ii) herança por subparte, que ocorre quando uma construção apresenta somente uma subparte de outra, mas pode existir de forma independente; (iii) herança por instanciação, quando uma construção é uma versão mais específica da outra; (iv) herança por extensão metafórica, quando o sentido da construção primitiva é projetado para outro domínio na nova construção. Esses tipos de herança possibilitam identificar as diferenças e similaridades entre construções relacionadas, portanto, contribuem para esta pesquisa, uma vez que há, pelo menos, três formas para a construção relacional de mudança de estado, como se pode observar nos dados a seguir:

(7) O Evo Morales de hoje não é o mesmo do início de sua gestão. Ele **ficou** famoso no começo de seu primeiro mandato ao nacionalizar várias empresas do setor de gás e petróleo.

(8) Nesse sentido, a estatística **se torna** um ator ao determinar o que constitui os problemas da educação, as características dos sistemas escolares que favorecem ou limitam a sua mudança e os parâmetros do que se considera como soluções razoáveis.

(9) As capivaras, que **viraram** outro símbolo da fase mais recente (e menos suja) da Lagoa também estão se reproduzindo.

Tendo em vista alguns aspectos básicos da GCBU, abordagem que norteia esta pesquisa, é importante explicitar o tipo de construção analisado. Considera-se construção relacional, especificamente nesta pesquisa, a construção gramatical formada por um sujeito (animado ou não animado), um verbo relacional e um predicativo sob as formas de sintagma nominal (SN) ou sintagma adjetival (SAdj.) – além do adjetivo básico, também são considerados os participios verbais, que geralmente exprimem “um estado resultativo decorrente de uma ação que afeta uma entidade e que tem como resultado uma mudança de estado dessa entidade” (Raposo, 2013: cap. 30, p. 1291). Por tratar-se de construção relacional de mudança de estado, são analisados, nesta pesquisa, apenas dados com os verbos relacionais *ficar*, *tornar-se* e *virar* com sentido semelhante a *tornar-se*.

Para analisar a alternância entre os verbos *ficar*, *tornar-se* e *virar* na construção relacional de mudança de estado, é importante levar em consideração o *Princípio da Não Sinonímia* (Goldberg, 1995) e a teoria de representação de exemplares para as construções (Bybee, 2013). O Princípio da Não Sinonímia afirma que, se duas construções são sintaticamente distintas, elas devem ser semântica ou pragmaticamente distintas, e um dos aspectos pragmáticos citados por Goldberg é o aspecto estilístico da construção, como o registro, que constitui um dos parâmetros de análise neste trabalho. Dessa forma, como a construção em análise apresenta formas diferentes para um mesmo significado (mudança de estado), é importante identificar as diferenças



discursivo-pragmáticas. A teoria de representação de exemplares é relevante para o estudo das construções porque afirma que a memória humana é rica por incluir informações redundantes, variáveis, pragmáticas e de contexto (social, interacional e físico). Segundo esse modelo, as categorias gerais e as unidades gramaticais podem emergir a partir da experiência registrada na memória, pois os exemplares são categorizados por semelhança/similaridade uns com os outros e as experiências adjacentes, como o significado, são registradas como estando ligadas umas às outras.

## 2.2. Redes construcionais

As construções gramaticais relacionam-se entre si, organizando redes construcionais. Segundo Goldberg (1995: 67), “constructions form a network and are linked by inheritance relations which motivate many of the properties of particular constructions”. Com base nessa afirmação, a autora propõe dois princípios para a organização dessas redes:

I. *The Principle of Maximized Motivation*: If construction A is related to construction B syntactically, then the system of construction A is *motivated* to the degree that it is related to construction B semantically (cf. Haiman 1985a; Lakoff 1987). Such motivation is maximized.

II. *The Principle of No Synonymy*: If two constructions are syntactically distinct, they must be semantically or pragmatically distinct (cf. Bolinger 1968; Haiman 1985a; Clark 1987; MacWhinney 1989). Pragmatic aspects of constructions involve particulars of information structure, including topic and focus, and additionally stylistic aspects of the construction such as register. (Goldberg, 1995: 67).

Dessa forma, a concepção de gramática na abordagem construcionista é de que as construções formam um sistema interconectado, uma rede. Essa rede conta com padrões construcionais procedurais/gramaticais e padrões construcionais lexicais (pareamentos forma-significado/função convencionais, cognitivamente rotinizados e estocados na memória), que emergem da experiência do uso determinada sociohistórica, pragmática e culturalmente. Tais padrões, segundo Traugott & Trousdale (2013) podem ser mais ou menos esquemáticos (ter mais ou menos *slots*/lacunas construcionais abertos a preenchimento) a depender do nível de representação abstrata do uso linguístico. E, assim, podem distribuir-se por estes níveis de esquematicidade: esquemas construcionais/macroconstruções, subesquemas construcionais/mesoconstruções e microconstruções. E a materialização desses padrões se dá por meio de constructos (usos linguísticos efetivamente atestados no comportamento observável em textos). Nesse inventário linguístico, há, então, padrões construcionais com mais ou menos *slots* para preenchimento (na visão aqui adotada, variável) de formas linguísticas.

## 2.3. Propriedades construcionais

Há três propriedades importantes para uma análise construcional, que são frequentemente discutidas na literatura da Gramática das Construções: esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

Segundo Traugott & Trousdale (2013), esquematicidade é uma propriedade de categorização que envolve crucialmente abstração. Os esquemas linguísticos são instanciados por subesquemas e, nos níveis mais baixos, por microconstruções. Os autores citam Goldberg (2006), que hipotetiza que os falantes não têm apenas um “conhecimento do item específico” sobre expressões particulares, mas também um “conhecimento generalizado e esquemático” sobre elas.



Para Traugott & Trousdale (2013), a produtividade de uma construção é gradiente e refere-se a esquemas parciais, relacionando-se à frequência de tipo (*type*) e de ocorrência (*token*). Assim, quando há aumento na frequência de uso, há aumento na frequência do construto, ou seja, os falantes usam instâncias da nova construção cada vez mais.

Quanto à composicionalidade, os autores afirmam que essa propriedade é pensada tanto em termos semânticos (o significado das partes e do todo) quanto em termos combinatórios do componente sintático. De um ponto de vista construcional, em termos de combinação ou incompatibilidade entre aspectos de forma e significado. Assim, o significado de uma construção emerge da combinação do significado de suas partes.

Outra propriedade construcional é o Princípio de Contextualidade, citado por Goldberg (2016), que corresponde à ideia de que o significado de cada parte depende do significado do todo, uma vez que apenas sendo inserida no contexto de uma sentença que uma palavra pode apresentar algum significado. Tal princípio contradiz a propriedade construcional de composicionalidade, que afirma que o significado do todo é constituído pelos significados das partes. Nesse sentido, uma expressão idiomática, por exemplo, seria não composicional, uma vez que seu significado é proveniente do sentido do todo, ou seja, depende do contexto, que é usado na interpretação completa dos enunciados. Há, no entanto, alguns argumentos em favor da composicionalidade, como o fato de existir um número infinito de sentenças, que não podem ser todas memorizadas e de falantes produzirem e ouvintes analisarem sentenças que nunca falaram ou ouviram antes.

De todo modo, embora tidos como opostos, os princípios de composicionalidade e de contextualidade são importantes propriedades construcionais levadas em consideração nesta pesquisa.

“A schematic slot in a construction might consist of a list of all the items that have occurred in that slot (as predicted by an exemplar model), or it might be considered a set of abstract semantic features that constrains the slot, as usually proposed. It could, of course, be both. However, the importance of the specific exemplars that have occurred in the construction can be seen when features that are redundant for particular items are referred to in an extension of the construction” (Goldberg, 2013: 57).

#### **2.4. Variação e mudança na abordagem construcionista**

Como um dos propósitos deste artigo é analisar a variação/alternância entre os verbos *ficar*, *tornar-se* e *virar* na construção relacional de mudança de estado, é importante identificar o espaço que o estudo da variação e mudança ocupa na abordagem construcionista, que é defendido por alguns autores, como Hilpert (2014) e Machado Vieira (2016). Para Hilpert (2014: 181), dizer que há variação em uma construção significa que há sempre mais de uma forma de usá-la. Segundo ele:

The analysis of linguistic variation has only recently been put on the research agenda of Construction Grammarians, who are thus relative late-comers to a phenomenon that has already been studied intensely for several decades within the tradition of **quantitative sociolinguistics** (Tagliamonte, 2006; Trousdale, 2010). (Hilpert, 2014: 185)

Traugott & Trousdale (2013) chamam a atenção para dois tipos de mudança, que afetam a construção como um todo, e não apenas o item. Segundo os autores, o surgimento de novas construções pode se dar por meio de *mudanças construcionais*, ou seja, mudança só na forma ou só na função; ou por meio da *construcionalização*, em que a mudança ocorre tanto na forma quanto na função, criando um novo nó na rede.



Assim, a variação também é levada em consideração nesse modelo, pois a cada nova construção, a rede é reorganizada, criando novas relações entre as construções. Por outro lado, é importante ressaltar que a mudança só é estabelecida quando convencionalizada em uma comunidade linguística.

Segundo Bybee (2010), a língua apresenta, ao mesmo tempo, regularidade de padrões e variação considerável em todos os níveis; as construções de uma língua podem se diferenciar umas das outras, embora apresentem os mesmos padrões estruturais; as línguas mudam ao longo do tempo. Logo, uma vez que a língua é uma estrutura dinâmica, em uso constante, ela exibe uma grande quantidade de variação e gradiência. A gradiência diz respeito ao fato de a mudança ocorrer no tempo de modo gradual, movendo elementos de uma categoria a outra em um *continuum*. Já a variação se refere ao fato das estruturas linguísticas exibirem variação no uso sincrônico.

Ao falar sobre variação gramatical, Cappelle (2009) cita o conceito de “allostructions” que, segundo ela, são manifestações semanticamente equivalentes, mas formalmente distintas, de uma construção representada mais abstratamente.

Segundo Machado Vieira (2017):

O fenômeno da variação linguística revela-se, grosso modo, em dois casos de relação semântica: em casos de representação linguística entre os quais se estabelece relação de sinonímia ou identidade (mesmo valor de verdade) e em casos de representação linguística entre os quais se percebe relação de comparabilidade funcional (parecença, alinhamento). (Machado Vieira, 2017: 83)

Com base no Princípio da Não-Sinonímia (Goldberg, 1995), que estabelece que não há sinônimos perfeitos, uma vez que, se distintas sintaticamente, as construções serão distintas no âmbito da semântica ou da pragmática, observam-se os seguintes exemplos:

(10) O clima social **ficou** mais tenso devido à recente aprovação do novo Código Penal, que gerou manifestações de médicos, do setor de transporte, de religiosos e de outros grupos que se consideraram atingidos pelas reformas.

(11) A relação mãe-bebê **se torna** base para a saúde mental de todo o indivíduo, tendo em vista que esta seria moldada na primeira infância pela mãe através de todos os contextos que ela consegue proporcionar ao seu filho.

(12) Gutierrez – ou Don Jorge, como é chamado pelos amigos e conhecidos de bairro – tem 62 anos, cabelos grisalhos e óculos de aros pretos. Veio da Bolívia para o Brasil em 1980, tratar uma lesão que sofrera durante uma partida de futebol – diz que jogou como profissional em seu país natal. Desacreditado pelos médicos, fixou residência por aqui. **Virou** costureiro e mandou buscar a mulher e os filhos em La Paz.

Há, entre os dados acima, uma variação/alternância, uma vez que as construções convivem/são produzidas, apresentando significados similares, mas não iguais, de acordo com os contextos de uso. Os três exemplos apresentam o sentido básico de mudança de estado (“tornar-se”), porém com configurações morfossintáticas e pragmáticas diferentes, como o tipo de sintagma predicativo, o aspecto e o grau de formalidade.

Segundo a abordagem sociolinguística, que concebe a língua em um contexto sociocultural, no qual seus usuários mantêm relações sociais e interacionais, a principal característica da língua é a variação, suscetível de ser estudada e sistematizada. Além disso, pressupõe que toda variação é motivada, uma vez que o emprego





de uma forma linguística no lugar de outra ocorre devido a regras variáveis, condicionadas por fatores extralinguísticos e intralinguísticos. Nesta pesquisa, serão investigadas as formas que se alternam (*ficar*, *tornar-se* e *virar*) em um mesmo contexto (mudança de estado) e as motivações para que a variação ocorra.

Como propõe Machado Vieira (2016):

Com tais considerações, não se pretende perder de vista, de modo algum, o princípio de não-sinonímia nem a concepção de que a língua propicia sistematicamente recursos para diferentes tipos de leitura/enquadre de uma cena, até porque, tendo em vista um dos problemas da mudança (Weinreich, Labov & Herzog, 1968) relativo a restrições/condicionamentos, os estudos se pautam em questões basilares como “sob que condições (contextos e cotextos) se dão os usos linguísticos?” e “o que há de sistemático/regular na relação entre variantes e condições?”, mesmo no âmbito de estudos sociofuncionalistas que não se alinham à abordagem construcional. (Machado Vieira, 2016)

Assim, tenciona-se responder sob que condições (contextos e cotextos) se dá a variação no uso de *ficar*, *tornar-se* e *virar* na construção relacional de mudança de estado e o que há de sistemático/regular nessa variação/alternância.

### 3. Hipóteses e metodologia

Empreendeu-se uma análise socioconstrucionista de dados do uso variável de *ficar*, *tornar-se* e *virar* no *slot* de verbo relacional da construção predicativa de mudança de estado, com base na concepção de que esta integra uma rede construcional de predicação relacional, que licencia, além de um subesquema construcional predicativo de estado (descrito em Ferreira, 2015), um subesquema construcional predicativo de mudança de estado (estado de coisas que reúne mudança de condição e mudança de propriedade e que pode ser aspectualmente conceptualizado como mudança permanente/duradoura ou transitória).

Essa análise desenvolveu-se a partir de quatro hipóteses relativas à compatibilização dos verbos relacionais em estudo à construção predicativa de mudança de estado.

A primeira diz respeito à relação entre o tipo de sintagma predicativo e o emprego de verbo relacional de mudança de estado para compor a construção predicativa. Supõe-se que, nas microconstruções em que o *slot* de verbo relacional é preenchido por *ficar*, ocorreriam mais predicativos sob a forma de sintagma adjetival (“*ficou nítido*”), ao passo que, nas microconstruções com *tornar-se* e *virar* (“*tornou-se diretor do colégio*” ou “*virou assunto do dia*”), se detectariam mais predicativos sob a forma de sintagma nominal.

A segunda tem por base uma possível relação entre o tipo de sujeito (animado ou não animado) e o verbo relacional selecionado. Com *ficar*, haveria maior probabilidade de sujeitos animados, já com *tornar-se* e *virar*, prevaleceriam sujeitos inanimados.

A terceira está associada à ligação entre o grau de formalidade/registro e a escolha de verbo relacional. Parte-se da hipótese de que (i) as microconstruções com *tornar-se* tenderiam a aparecer em contextos mais formais que os contextos em que se materializam as microconstruções com *virar* e (ii) as com *ficar* seriam utilizadas em ambos os contextos.

A quarta centra-se numa possível relação entre o aspecto semântico que se quer conceptualizar numa predicação de mudança de estado e as microconstruções com *ficar*, *tornar-se* e *virar*. As microconstruções com *ficar* indicariam mudanças mais transitórias, e as microconstruções com *tornar-se* e *virar* indicariam mudanças mais permanentes.



Para realizar a análise de enunciados que materializam as microconstruções licenciadas pela construção predicativa de mudança de estado aqui em foco, recorreu-se a dados coletados em textos brasileiros, que foram assim categorizados de acordo com o registro: (i) **formal** – artigos acadêmicos, jornal O Globo online e Revista Época online (reportagens); (ii) **informal** – relatos de viajantes sobre pontos turísticos e hotéis do Rio de Janeiro (Booking, Mundi e TripAdvisor), reclamações de clientes sobre aparelhos celulares (Reclame Aqui), jornal Extra online e Revista Tititi online (entrevistas e notícias).

Os dados foram examinados com base na observação destas variáveis: (i) o verbo compatibilizado à construção – *ficar*, *tornar-se* ou *virar*; (ii) o tipo de sintagma predicativo – SN ou SAdj.; (iii) o tipo de sujeito – animado ou não animado; (iv) o aspecto semântico mais permanente ou mais transitório da construção; (v) o grau de formalidade do contexto em que o dado foi registrado.

Esta análise socioconstrucionista centra-se na hipótese geral de que as formas verbais que se compatibilizam no *slot* da construção predicativa de mudança de estado também se relacionem por força de similaridade/analogia entre as possibilidades de preenchimento ou até por força de coerção. No primeiro caso (em foco neste artigo), supõe-se que opere uma força de atração de determinadas formas (com certas propriedades) ao *slot* construcional ou a um *slot* construcional em combinação com outro *slot* da mesma (como é o *slot* de predicativo, na forma de SN ou SAdj., da construção predicativa de mudança de estado). No segundo caso, impera a força da construção sobre as formas usadas no preenchimento do *slot* construcional, força que lhes impõe uma certa configuração (forma-significado/função), mesmo que essas formas não sejam, de partida, as mais atraídas para o *slot*.

#### 4. Análise dos dados

Até o momento, foram coletados 303 dados, que estão sendo analisados de acordo com o verbo, o tipo de sintagma predicativo (SAdj. ou SN), o tipo de sujeito (animado ou não animado) e o aspecto (mais permanente ou mais transitório), em contextos formal e informal.

A tabela 1 apresenta os *corpora* (divididos em registro formal e registro informal) e a quantidade de dados por verbo (até o momento).

	Fontes	FICAR	TORNAR-SE	VIRAR
<b>Registro formal</b> (artigos acadêmicos e jornal)	Revista Eletrônica de Engenharia Civil	07	09	0
	Revista Ciência & Engenharia	10	06	01
	Revista Educação e Pesquisa	12	28	0
	Revista Ciência & Saúde	06	07	0
	Jornal O Globo online	21	18	17
	Revista Época online	27	11	03
<b>TOTAL:</b> <b>183 dados</b>		<b>83</b>	<b>79</b>	<b>21</b>



<b>Registro informal</b> (avaliações de viajantes sobre pontos turísticos do RJ, reclamações sobre celulares e jornal)	TripAdvisor	09	01	0
	Mundi	22	01	0
	Booking	21	0	0
	Reclame Aqui	05	01	0
	Jornal Extra online	10	05	02
	Revista Tititi online	35	03	05
<b>TOTAL: 120 dados</b>		<b>102</b>	<b>11</b>	<b>07</b>
<b>TOTAL GERAL: 303 dados</b>		<b>185</b>	<b>90</b>	<b>28</b>

Tabela 1. Apresentação dos *corpora* e distribuição dos dados

Ao analisar os dados nos contextos formal e informal, confirma-se a maioria das hipóteses.

Quanto à relação entre o tipo de sintagma predicativo e a compatibilização de verbo relacional, verifica-se que, nas predicções de mudança de estado em que o verbo relacional é *ficar*, destaca-se o predicativo na forma de sintagma adjetivo (SAdj.) e, nas com *tornar-se* e *virar*, predomina o sintagma nominal (SN). Esse resultado contribui também para o debate sobre o lugar da variação na Gramática de Construções (Machado Vieira, 2016), ao evidenciar a atuação de uma força de atração de certo verbo relacional a um *slot* construcional em articulação com as condições de preenchimento de outro *slot* da construção, o destinado ao predicativo. Essa força torna mais produtiva a compatibilização de uma determinada forma frente a outras possíveis candidatas.

No exame da relação do tipo de sujeito com a compatibilização de verbo relacional, os resultados obtidos até o momento só não se apresentam conforme o esperado no caso de dados com o verbo relacional *virar*, em que houve maior ocorrência de sujeitos animados. Por outro lado, em dados com *ficar* sobressai sujeito animado e, em dados com *tornar-se*, predomina sujeito não animado, conforme hipótese inicial.

Com base nos resultados obtidos até agora, observa-se que, quando operam no *slot* de verbo relacional da construção predicativa de mudança de estado, os verbos *ficar*, *tornar* e *virar* se distanciam de seus sentidos primários de verbos predicadores: *ficar* afasta-se do sentido de permanência; *tornar* distancia-se da noção de volta, regresso; *virar* afasta-se da noção de direcionamento. Todos adquirem, nesse *slot*, o sentido de *tornar-se*. Isso pode ser entendido como um caso de extensão de uso, por força de coerção da construção. A extensão caracteriza-se pelo desenvolvimento de usos em novos contextos, no caso, no contexto de construção relacional de mudança de estado. De todo modo, cogita-se que, com a rotinização do preenchimento do *slot* de verbo relacional dessa construção por meio dessas formas verbais tenha levado a uma analogização de tais verbos (processo cognitivo de mudança linguística que só poderá ser devidamente rastreado num estudo



diacrônico) com base na qual eles passaram a atuar como alternativas de preenchimento com propriedades similares. São, então, mais atraídos para tal *slot* do que outras formas verbais (*pôr-se*, *converter-se*, por exemplo) que são menos atraídas, embora também se prestem ao seu preenchimento (mais esporadicamente, pelo menos em textos brasileiros, conforme investigação prévia de constructos de construção predicativa de mudança de estado a que se procedeu em prol de definir o *corpus* de constructos com formas verbais relacionais a serem considerados num estudo de variação construcional no Português Brasileiro).

Outra observação diz respeito ao aspecto semântico das construções com *ficar*, *tornar-se* e *virar*. *Tornar-se* e *virar*, geralmente, aludem a uma mudança profunda e gradual, portanto são tipicamente seguidos de SN. Seu uso é, na maioria das vezes, em construções de mudança de estado que demandam tempo ou esforço, apresentando um aspecto mais permanente e duradouro. *Ficar*, por sua vez, remete a mudanças de estado instantâneas, temporárias, sendo seguido de SAdj., geralmente. Observem-se os dados analisados:

(13) Apesar de jamais ter sido concretizado, o decreto é indicativo do surgimento de uma equação políticoeconômica que tomaria corpo pouco mais de duas décadas depois, quando o café se **tornou** a principal atividade econômica do país.

(14) No Brasil, o médico Jalma Jurado **virou** uma referência internacional na área.

(15) Foi só a turbulência começar que a soprano **ficou** muda.

Em (13) e (14), as construções apresentam um caráter mais permanente, por meio de um processo de mudança gradual: para o café se tornar a principal atividade econômica do país e para o médico virar uma referência internacional foi necessário algum tempo e esforço. Já em (15), houve uma mudança mais abrupta, pois decorreu de um fato temporário (a turbulência) que deixou a soprano assustada e, conseqüentemente, muda (provavelmente, por um curto espaço de tempo, até a turbulência passar).

As microconstruções com *ficar* apresentam uma nuance de sentido um pouco diferente das outras duas, provavelmente pela questão aspectual apresentada. Com esse resultado, cogita-se que a instanciação de uma forma verbal em lugar de outra possibilidade de preenchimento do *slot* de verbo relacional seja regulada também por questões da ordem do que interessa ao falante conceptualizar no estado de coisas quando ele constrói uma predicação nominal. Pretende-se investir no exame de propriedades do construal do estado de coisas potencializadas por cada variante verbal. Em outras palavras, interessa, na próxima etapa de pesquisa, averiguar a maneira como um estado de coisas (inclusive, a mesma cena de mudança) é captado conceptual e linguisticamente, a depender do preenchimento do verbo relacional.

Nota-se, também, que as microconstruções relacionais de mudança de estado com *tornar-se* e *virar* apresentam mais semelhanças, reforçando a hipótese de que o único fator que as diferencia é o grau de formalidade, o que ainda será objeto de investigação mais minuciosa.

De um modo geral, dados da construção relacional de mudança de estado preenchida com *ficar* são bastante frequentes tanto no contexto formal quanto no informal. Já dados da microconstrução com *tornar-se* predominam no contexto formal, quase não ocorrendo no contexto informal. Os poucos dados da microconstrução com *virar* até o momento coletados sinalizam um resultado um tanto inesperado, já que ocorreram mais dados (21) no contexto formal (conta 07 no contexto informal).

Talvez tal resultado esteja relacionado a intento do falante de tornar saliente algum aspecto do construal de mudança de estado em jogo no momento da instanciação ao qual ainda não se tenha dado a devida atenção no exame dos dados ou talvez decorra do fato de que as especificações em um padrão construcional nem sempre geram combinações com as formas mais atraídas porque mais associadas às propriedades especificadas em cada microconstrução (como a suposta, de partida, entre *virar* e as condições de predicativo SN e contexto de informalidade – esta condição, por se supor que *virar* seria uma forma rotinizada mais recentemente como verbo relacional). Afinal, outra força que opera é a da coerção.



É possível que a relação entre *virar* e contexto de informalidade seja percebida como menos saliente, se comparada à relação entre *tornar-se* ou *virar* (variantes) e a condição de referir uma mudança profunda e gradual que faça sobressair o resultado da mudança e opacificar o processo de transformação. Vale ressaltar também que a primeira dessas variantes é uma forma com pronome clítico, muitas vezes evitada nas elocuições coloquiais brasileiras (como já mencionado por Kato, 1996). E, ainda, é possível que, no domínio jornalístico/não-acadêmico brasileiro (onde se concentra o maior número de dados de *virar* em contexto considerado formal), *virar* já tenha alcançado estatuto como verbo relacional diferente do alcançado no domínio discursivo acadêmico (onde poucos foram os dados registrados). Afinal, padrões construcionais e as categorias que os constituem estão sempre emergindo das experiências de uso. Tais observações serão rastreadas na próxima etapa da pesquisa.

## 5. Considerações finais

Este artigo contribui para a descrição gramatical do PB, uma vez que aprofunda, com base em dados do uso, o que se sabe sobre a construção relacional de mudança de estado e suas possibilidades de configuração sintática, semântica e discursiva.

Em obras gramaticais tradicionais, a construção relacional é vista, na maioria das vezes, fora de contexto: não se observam as diversas relações que podem existir entre o sujeito e o predicativo, intermediadas pelo verbo relacional; não são considerados os outros verbos, além dos normalmente listados, que podem compatibilizar-se a essa construção. Por outro lado, obras de orientação teórico-descritiva e pesquisas linguísticas levam em conta a possibilidade de ocorrência de construções não previstas na tradição gramatical, além de buscarem uma descrição mais aprofundada da construção relacional (também chamada de construção predicativa e copulativa). Logo, o presente estudo dialoga mais de perto com estas obras.

Em linhas gerais, esta pesquisa ratifica a concepção teórica de que a língua é uma rede de construções e de que a unidade básica da gramática é a construção, pois a construção relacional em estudo, que constitui um padrão esquemático de forma-significado/função na língua, relaciona-se a padrões construcionais mais específicos, como o de mudança de estado com os verbos *ficar*, *tornar-se* e *virar*, e suas similaridades e diferenças. Além disso, verifica-se que as construções estão relacionadas, constituindo uma rede polissêmica, cujos sentidos se inter-relacionam e formam um *continuum*, ou seja, existem usos que são mais salientes e outros mais periféricos.

Neste artigo, buscou-se descrever a construção relacional de mudança de estado no PB como uma unidade simbólica resultante do pareamento de forma e significado e sua variação/alternância no uso dos verbos *ficar*, *tornar-se* e *virar*. De acordo com os resultados obtidos até aqui, as hipóteses iniciais da pesquisa foram confirmadas em sua grande maioria. Quanto à análise dos dados coletados, foi confirmada uma relação entre o sintagma predicativo e o verbo escolhido para compor a construção, sendo o verbo *ficar* mais utilizado com predicativo sob a forma de SAdj. e *tornar-se* e *virar* com predicativo sob a forma de SN; entre o tipo de sujeito e o verbo selecionado, sendo *ficar* mais compatibilizado a sujeitos animados, *tornar-se* mais compatibilizado a sujeitos não animados e *virar* a sujeitos animados.

Conclui-se, também, que as construções com *tornar-se* e *virar* apresentam muitas similaridades, diferenciando-se, em geral, quanto ao registro/grau de formalidade. *Tornar-se* e *virar* integram construções que revelam mudança de condição, uma nuance diferente de mudança de estado, que é prototipicamente representada pela construção com *ficar*, fato que é comprovado pelo tipo de sintagma predicativo predominante, uma vez que os sintagmas adjetivais indicam melhor estados.

Tais resultados obtidos até o momento podem ser analisados de acordo com dois princípios formulados por Goldberg (1995) e que foram citados neste artigo: (i) o Princípio da Não-Sinonímia, uma vez que as construções em estudo apresentam diferenças sintáticas e semânticas ou pragmáticas, embora todas tratem de



mudança de estado em algum nível; (ii) o Princípio da Motivação Maximizada, que explica o pareamento de forma e significado, uma vez que as construções em estudo estão relacionadas por *links* de herança.

Por fim, no caso da construção relacional de mudança de estado envolvendo os verbos focalizados nesta pesquisa, cada pareamento forma-significado/função gerado pela compatibilização de tais verbos é minimamente distinto, havendo umas instâncias de uso dessa construção mais centrais (como é o caso das microconstruções com *ficar*) e outras mais periféricas (como é o caso das microconstruções com *virar*). Tais padrões construcionais estão interligados entre si por meio de relações de herança.

## Referências

- Bechara, Evanildo (2010) *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Bernardo, Kelly Viviane (2008) *Estruturas serializadas no Português do Brasil: a gramaticalização de vir e virar e sua identificação como verbo serial*. Dissertação Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa. Universidade de São Paulo.
- Bybee, Joan (2013) Usage-based theory and exemplar representation of constructions. In T. Hoffman e G. Trousdale (eds.) *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: University Press, pp. 49-69.
- \_\_\_\_\_ (2010) *Language, usage and cognition*. New York: Cambridge University Press.
- \_\_\_\_\_ & Eddington, David (2006) A usage-based approach to Spanish verbs of ‘becoming’. *Language* 82(2), pp. 323-355.
- Cappelle, Bert (2006) Particle placement and the case for “allostructions”. In Doris Schönefeld (ed.) *Constructions all over: Case studies and theoretical implications*, Constructions, special volume 1, <http://www.constructions-online.de/articles/specvol1>.
- \_\_\_\_\_ (2009) Can we factor out free choice? In Andreas Dufter, Jürg Fleischer & Guido Seiler (eds.) *Describing and Modeling Variation in Grammar*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, pp. 183-201.
- Correa, Paulo (2006) Construções de mudança de estado e aspecto em português e espanhol: uma comparação. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*, pp. 84-93.
- Croft, William (2001) *Radical Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press.
- Cunha, Celso & Cintra, Luís F. Lindley (2008) *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital.
- Fasold, Ralph (1987) *The Sociolinguistics of Society*. New York, USA: B. Blackwell.
- Ferrari, Lílian (2014) *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Editora Contexto.
- Ferreira, Bruna Gois Pavão (2015) *Construção relacional: estado, mudança e resultado*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Goldberg, Adele E. (1995) *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago and London: The University of Chicago Press.
- \_\_\_\_\_ (2013) Constructionist approaches. In T. Hoffmann & G. Trousdale (eds.) *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. USA: Oxford University Press, pp. 15-31.
- \_\_\_\_\_ (2016) Compositionality. In N. Riemer (ed.) *Routledge Semantics Handbook*, pp. 419-430.
- Hilpert, Martin (2014) *Construction Grammar and its Application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Kato, Mary. A. (1996) Português brasileiro falado: aquisição em contexto de mudança linguística. In I. Duarte e I. Leiria (orgs.) *Congresso internacional sobre o português – Actas*. Lisboa: Colibri, pp. 209-237.
- Lima, Rocha (2010) *Gramática Normativa do Português*. Rio de Janeiro: José Olympio.



- Machado Vieira, Marcia dos Santos (2017) Expressões impessoais no discurso acadêmico brasileiro. *Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS*, pp. 82-95.
- \_\_\_\_\_ (2016) Variação e mudança na descrição construcional: complexos verbo-nominais. *Revista Linguística*, pp. 152-170.
- Palomanes, Roza & Oliveira, Patrícia de Freitas (2013) Construções resultativas: a semântica de resultado no verbo *virar*. *Alumni Revista Discente da Uniabeu*.
- Pavão, Bruna Gois & Vieira, Marcia dos Santos Machado (2013) Predicações com os verbos relacionais *ser* e *estar*. *Revista Diadorim*.
- Raposo, Eduardo B. P. *et al.* (org.) (2013) *Gramática do Português*. Vols. I e II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ribeiro, Roza Maria Palomanes (2004) A expansão de sentidos do verbo *ficar* e os mecanismos responsáveis pela organização cognitiva de suas significações. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*.
- Sant'Anna, Magda Batista (2012) A mudança de estado em português e em espanhol: uma pesquisa diacrônica. *Revista dos Alunos dos Programas de Pós-Graduação do Instituto de Letras – UFF*.
- Traugott, Elizabeth C. & Trousdale, Graeme (2013) *Constructionalization and Construction changes*. Great Britain: Oxford University Press.

